

BALADA PARA UM MORTO & OUTROS POEMAS

Lauro José Maia Marques

Rua Caraíbas, 1199 –Apto 113-B

Vila Pompéia

São Paulo SP

05020 000

Fone: (11) 3801 34 39

Email: laurojmm@estadao.com.br

Jornal de Bordo e Poesias: <http://www.amaculahumana.blogger.com.br>

SUMÁRIO

- Revolução (A busca pelo céu) (poema em prosa)
- *Post Scriptum* (poema em prosa)
- Balada para um morto (Parte 1)

Intro

I

II

III

IV

V

VI-A PESTE

VII-SUS

VIII-REVELAÇÕES

IX-A ALMA

X

XI

XII

XIII

- Interlúdio (1) (DO AMOR)

I

II

III

IV-A MUSA

V-A LOUCA

VI-DEMÔNIOS

VII-SONETO (O POSSESSO)

VIII-EU FRAGMENTADO

- Balada para um morto (Parte 2)

I

II

III

IV

V-DESCIDA

VI-CANTO-DANÇA

VII

VIII-ANAXIFORMINGES

IX

X

- Balada para um morto (Parte 3)

I

II

III-A QUEDA

IV-CANÇÃO DA TERRA

V- CANÇÃO DO SOL

VI

VII-CANÇÃO DA CHUVA (O Afogado)

VIII-CANÇÃO DO NAUFRÁGIO

IX

X

XI-RARO

XII

XIII-O CAMPO DE BATALHA

- Interlúdio (2)

1

2

3

4

5

6

7 QUADROS

Tríptico de Bacon

I

II

III

8

9-FÁBULA

10

11-EM FRENTE AO MAR

12-VERÃO

- Balada para um morto (Parte 4)

I

II-REINAI NESSA CANÇÃO

III-DANÇA

IV-BROKEN-BALLAD

V

VI

VII

VIII

IX

X-POESIA ACIDENTAL

- Balada para um morto (Epílogo)

I

II- A ALQUIMIA DO VERBO

III

IV-A CANÇÃO DO NAVIO

V-CANÇÃO DO RIO

VI-CANÇÃO DO INSTANTE-DISTANTE (LÍRICA)

VII

VIII-ELEGIA

IX-ENVOI

“Devemos entrar na morte como quem entra numa festa.”

Jorge Luis Borges

“Quero ir para a morte como para uma festa ao crepúsculo.”

Álvaro de Campos

A horda dos assassinos, bárbaros, uma nuvem negra avança.

REVOLUÇÃO
(A busca pelo céu)

INTRO:

A alquimia das formas. Noites perdidas de insônia. Um abismo me separa do mundo agora. Busco as alturas. Folga-me ver tão distante —antes que rompa a aurora.

Vi o mundo dos fogos de artifício. Achei-o impenetrável. Deram-me de comer os ossos e eu lhes pedia carne! Romperam comigo todos os meus laços. Procurei novas formas de vida. A humanidade parecia cansada. Arranquei-lhes um último suspiro.

Àqueles implorando perdão eram os seus deuses. Homens tolos sem imaginação. O céu ameaçava cair. No inferno reinava a paz, eram temidos. Não lhes incomodava a enxurrada de preces —

A mensagem chegou até mim agora. Ah, a preguiça, a lascívia, a lentidão! Como compor sem ser atormentado? Ah, a inércia! A realidade, o ópio das massas! Uma greve de relógios e o tempo pára. Rumo ao Norte! Já é tempo de se ouvir meu chamado.

§

Uma visão há muito restrita. Era a glória dos ineptos. Os céus pareciam fechados. Prevejo uma enxurrada. Haverá sábios sobre a terra. “Erra o homem enquanto se esforça.” O novo conhecimento! A taça transborda. A nova linguagem será cifrada.

§

Os temores do sexo. A mim já se ia larga vantagem. Buscava o conforto na poesia, na letra morta. Salvaguardava a mim próprio. Abandonei todos os cursos. Aviltava-me uma idéia. Quis compor uma obra de fôlego... Vi cair um a um todos os meus sonhos —

A reconstrução dos corpos! Partirei do princípio novo. Contarei uma história antiga —o domínio das técnicas! O rumor das ondas!
Tudo aquilo me exasperava.

§

Quero feder, exalar todos os malcheiros do meu corpo. Agora estou no topo de minha covardia —e eis que me apraze. Despi os sete véus de minha loucura. E fui exorcizado. As melodias e os sons me agradam. E os ruídos... Ah, os ruídos! Que bela forma de matar o silêncio!

§

Eu era judeu três mil vezes maldito. Principiava a conhecer a mim próprio. O TRÁFEGO DAS ILUSÕES, A VISÃO REPENTINA, O FRACASSO DAS FORMAS —SANTOS EM COMUNHÃO AO PÉ DO ABISMO. Impropérios. Desenvolvi então um sexto sentido: o sentido das coisas —uma idéia que não foi ainda

bem trabalhada. Construirei algo em cima das reticências... Causa-me horror a transparência das fórmulas acabadas —A multidão se agita, teria algum sentido naquilo tudo? A crueldade é um vício —Um corte rápido, uma quebra no ritmo —Ah, a soberba ignorância! Os deuses pareciam maiores vistos de longe.

§

Minha insensatez era agora imensa. Assim como minha má vontade. Busquei trabalho pesado! Fui cem vezes execrado e infeliz na escolha. Vamos direto aos fatos: Sou eu tal como a abelha no labirinto à procura do mel. Uma vez apreendido o caminho, não torna a recair no erro. Um exemplo prático. Eu que odeio a praticidade! Fosse-me dado escolher novamente! Que ciência inexata! Que aridez de princípios! A força que me impulsionava me punha a recuar. O esvaziamento das idéias, meu maior temor. Punha-me a delirar. A lucidez há pouco perdida. Travo batalhas comigo mesmo... A continuidade perdida! Extasiado aos pés da loucura, rogo o perdão das minhas dívidas.

§

Realmente eu estava enciumado. Um pouco mais e eu os ultrapassava, os tolos. Ah, maldita seja a mediocridade! Poucas vezes me senti tão culpado. Eram troças e pândegas o que eu fazia, o sentimentos me estagnavam —Olhei para cima de mim mesmo e vi as nuvens e abaixo de mim as nuvens —Ah, mas quem vai realmente compreender isso? Que linguagem mais tosca essa minha... A pérola na boca do peixe é alimento... Enfermidade... Eu devia estar enfermo. Elaborei toda uma teoria em cima de sofismas.

§

Os temores agora estão em larga escala. O meu físico me aborrece com as suas fraquezas. Há muito tempo não punha na boca nenhum veneno —nenhum forte o bastante. Satisfazia-me com o pouco que restara da dor que eu experimentara antes — E mesmo assim não era o bastante! Deuses! Gigantes! Clamo de vós a memória! Ah, os exageros da forma... Ócio nenhum me seria mais custoso.

§

E tinha os perigos do desenvolvimento... Ah, e as trovas... Que belas canções e roteiros! Fui completamente tomado por seus espíritos. Era eu ali apenas mais um peão num jogo de damas. E como me sentia estúpido! Ah, se meu coração parasse agora... Que sensação mais vaga de ânsia! —Esse é o meu corpo, essa é minha alma. Não pode vê-los? Estão juntos! —Deixe-me esvair agora... Vou trôpego, como não? É tão distante tal sítio? Haverá caminho sem volta? Todas as minhas dúvidas postas de lado, que valor eu tenho? Resta-me o consolo dos fracos, o perdão dos necessitados, odeio a todos! Fuga essa tão estranha... Recriarei a ordem dos fatos: 1º) O que há para

ser criado?; 2º) O que há para ser destruído? Estarei me repetindo? Convençam-me. É inútil a essa altura qualquer análise. Nenhuma delas me parece justa... Falta-me fôlego. Chamem os médicos, internem-me. —A eternidade não me parece o suficiente.

§

Quando tudo acabar dormirei cem dias. Ah, mas que falta de brio! No paraíso escarnecem de mim... A terra tal como é me foi negada —Um cachorro anda três vezes em círculo antes de se deitar —Sanaram todas as feridas! Eis aqui as chagas! A vida inteira foi uma brincadeira atroz. A morte uma dívida não paga. —Cristãos! Ressuscitai-me!

§

Já me vou longe agora... Que bela embrulhada eu me meti! São cem léguas para um pobre andar! Dêem-me água! E não esse vinagre! Mas chega! Todos os pedidos soam falsos, todas as preces são injuriosas, antes a morte honrosa à súplica... Como? Já amanhece? É tão tarde? É a noite? Consumiu-se assim mais de uma hora... Ainda me recordo de minhas palavras ontem. Uma onda me trouxe até aqui. Pois que me leve de volta! Ah, que céu sem nuvens! E as quero pesadas! Não se chove mais em terra tão árida. Onde estão teus frutos ò tão bela árvore? Ah, mas vejo agora, tuas folhas, tão ressecadas! Por que tudo que nasce também morre? Cresçam saudáveis as crianças! Engordem o peru antes de matá-lo! Que discussão sem propósito! De tal efusão não sairá nem um caldo, tampouco um lenitivo para a alma... E o que se espera que se faça? Acha-se graça então... Fora do mundo! Um mundo!... E partem os navios em busca do ouro...

§

Quantas glórias eu terei perdido, quantas vezes eu me vi como agora? É preciso um caminho que se trilhe... Uma carga pesada nas costas! E lá se vai o infeliz... O arcabouço de uma história...

§

Haverá outro lugar? Uma terra estranha? Pois leve-me daqui... Quero visitar tal país! (Tenho dois olhos e enxergo tudo.) Vida que prossegue... Do fundo do palco ouvem-se risadas...

§

Experimentem isso agora. Ponham-se no meu lugar. Acham justo? Ah, mas sei que gostariam de me roer os ossos se pudessem fazê-lo. Cambada de preguiçosos! Querem algo mais vulgar? Mudo os cenários, transponho a peça... Ah, mas não adianta... Ainda seria eu mesmo. Um pouco de ar... Não me abandone o espírito... Mas

eis que torna. Ainda impuro? Regalia-me de sujeiras as mais execráveis, é disso que eu preciso. Os maus odores, as glândulas sebáceas... Flagrei-te mesquinho, o diabo não me escapa mais... E que vias percorre? As ruas desertas... Aqui estás sozinho, não há ninguém nesse hemisfério. Mas não me dou por vencido. É preciso ir mais além...

Que dia especial é hoje!

(À minha frente há um deserto. Só meu senso de humor me permite ir adiante... Uma nova idéia! Corri até a janela para ver a banda das almas brancas subir o morro —Os céus?).

POST - SCRIPTUM

Havia eu me perguntado se acaso existe caminho sem volta? Pois bem, tomei a direção errada. E o destino providenciou-me os espinhos. Ah, mas são frutos tão doces esses ainda em floração na primavera! E assim também o são no estio... E nessas noites maravilhosas! Em que a dor é infinita, como corpos se abrindo em direção ao espaço, livres de todo empecilho. Que esvoaçam antes mesmo de terem tempo de tocar o chão. Mortos em pleno vôo. Em ascensão. Que as flores floresçam! É obrigação da natureza arrancar-lhes à vida. Mas serão sempre essas raízes tuberosas... As mortas de solicitude. Ah, e em abundância! Contas de um terço estelar. Estrelas fúnebres da paixão. Irreconhecíveis em seu féretro moribundo. Essas vítimas assassinadas do amor. A falência de todas as horas. Esse inconstante cessar. As últimas a serem disciplinadas. Tormentosa sirene de corpos na escalada da noite! Vapores, suores, mendigas dores. A longeva certeza cravada no seio. Intacta. *Alma mater* amorosa. Senhora de todos os seres. A borboleta que pende do galho petrificada, em movimento etéreo. Que rumor dissolvido em silêncio! E a indiferença que tudo isso causa. Como cansam as contemplações! “Contemplar te é proibido!”, assim falam os guardiões. Figuras patéticas alucinadas por um raio de luz, em seus claustros pálidos. Como tremem e arquejam por *sentir*. Ah, quando ultrapassadas as últimas alegrias, quando logradas as últimas solitudes, o que sobra de nós nesse momento? São divagações tolas... Mas deixem-me agir! Aqui, o sacrifício ainda é recebido com homenagens. Pelo menos em reconhecimento ao esforço titânico. O tirano único que ousou conhecer! Quando irradiam as funestas luzes, no umbral da porta quantos se voltam? É injusto que clamem por ti? Ah, o notório esquecimento! Tantos tormentos irreconhecíveis. Como lavrar a alma do sofrimento? Tenebroso fim... Funéreas virtudes do por vir. A necessidade plena dos amores, vícios, solitudes, tristes amplitudes. Os canhões impotentes ainda regurgitam balas, de pólvora seca. A necessidade premente, as vantagens alucinatórias. Rompe-se o dique que estava seco de água. E por amor ao paradoxo, deságua. Perdição eterna! Vozes que se somam a outras menores. Calores terríveis. Distanciados dos tempos, os relógios param. E em marcha lenta tocam em surdina. À noite, removendo templos...

Teria enfim, qualquer consequência?

§

Aí está, eu havia experimentado —E por minha culpa! Toda a volúpia de ser escravo: Compus uma balada de amor e morte. Arruinei-me. E não foi em vão! Oh, mas terá sido? Pois que é tão difícil a salvação?!? Não, arruinei-me. Transcrevo aqui apenas os meus últimos suspiros.

Foi, querer ter sido, poeta! A ruína mais completa, maldição! Chorei lágrimas de sangue. Bebi a água na fonte. Queimei os santos no oratório. Fui recebido por Deus e de lá expulso. Fui ter com o diabo, esse miserável, estendeu-me a mão e eu —nojo! —beije-i-lhe. Ah, mas todo pecado será perdoado, até mesmo o diabo ter me tentado foi em vão. É inútil, senhores, já vos digo. Fui de encontro a um redemoinho, desarmado. Ah, mas que farei então? Farei sentido? Duvido. Calar-me é impossível, pois uma estrada tem início no primeiro passo. Calo-me! E sou ouvido.

Ah, homens, tenham pena de mim, pois que agora estou tranqüilo. Não, eu renuncio a qualquer gesto de dor, gemido, morrerei só.

Para com o inferno a piedade!

§

Quanta distância já terei abraçado? Ah, quanto torpor... É inútil continuar sonhando (terei perdido o melhor?). Serei novamente gênio? Nas horas de semivigília, no acordar de tantas sendas... A razão obscena, decaída e devota. Os loucos dançando nus... O grande astro a iluminar os mares revoltos... É engano, pena. A que mais me condena o mundo?

A trabalhos forçados, já entrevejo. Já que sou culpado, a cadeia! Já sinto sobre mim o peso do chicote! Ah, mas não sou fraco (nem tampouco sou forte), como todo mortal temo a morte, tremo todo. *Para com o inferno a piedade!* Não é uma cadeia esse mundo?

**BALADA PARA UM MORTO
(PARTE 1)**

Intro

Para mim basta
O brilho das coisas vencidas.
O belo não me agrada mais.
Já vi mais palavras “coloridas”,
Do que poderia suportar;
A luz que me alumia,
O sol que me enfastia...
Entrego a ti as tuas fadas.
Deixa-me morrer em paz
Com meus demônios!

I

Escuridão de pasto que volveia os sentidos
Vento crepuscular da aurora da noite
Torvelinho de emoções sentidas;
Encharca tua boca leprosa de vinho
Dize aos nove mundos tua prece:

“Que venha o mar, tenho sede
Sua volúpia não me arrastará
Que venha o sol, tenho frio
Sua chama não vai me queimar
Hoje, dos quatro elementos,
Quero me fartar!”

O olho do mundo
Um gigante descarnado de luz
O céu prepara seu próprio funeral
As nuvens estão vestidas de vermelho
Daqui a pouco, a noite se cobrirá de luto
“Impressionante cotejo fúnebre
São as nuvens que passam
Carregadas de chuva
E de negrume!”

Alegra-te
Hoje, da carne de teu pescoço,
Faremos um almoço
Das vísceras desse animal morto.

II

Fogo de morteiro.
Pranto que não se afoga:

“A paisagem ocre está mudada.
Vi metáforas coloridas subindo
Um céu sem vida.”

Indiferente às estrelas brilha
um descampado de natureza morta.

III

Eu quis o aço,
o gosto áspero dos metais

Não me foi dada a primavera.

“Põe teu fêmur sobre a pilha e incinera!”
—Gritei

(Cega pela luz a faca enterrada
no peito
à noite sangram os girassóis)

Como se fosse a aurora,
a luz que ilumina o bosque
o homem

A G I G A N T O U – S E

E perdeu a forma

O orvalho esquecido das horas tardou
E a cigarra cantou os versos de outrora.

IV

Carne exposta ao vento e ao sol, a secar.
Hirto de pavor, um surto de dor, que me cega o peito
e chamusca a alma.
Peixe fora d'água, dilacera-me as guelras
A ânsia vã de respirar.

V

Convulsão de alma.
O espírito está distorcido e abandonado.
Em águas turvas se banham os condenados.
E sua essência é espuma de um mar salgado.

“Um bando de éguas azuis passam trotando
no meu crânio repleto de pensamentos vazios.
Cego das coisas, eu me avizinho.”

A alma em pânico pede socorro e sai rasgando
as entranhas —na verdade se agarra.
Um fio de sangue lhe aflora à boca pálida.
Apodera-se de si um terror inominável.
Sinapse de neurônios desarticulados, suas têmporas latejam

(Segue uma série de movimentos em falso)

O ocaso entregue aos deuses da loucura e do cansaço,
Um grito se estampa na cara

E numa golfada de sangue, escancara:

“Misto de oceano e búfalo o corpo se afoga em lágrimas.”

VI-A PESTE

Fogo descendo da terra ao mar.
Cobriu-se de cinza e sombra.
Morte! Terror! Destruição! A peste que se espalha...

—“Veste tua mortalha homem comum!”
O grito que se ouve por noites....
Prisão! Açoite! Espírito pagão! Infâmia!
Debela-se em vão a canalha...
Ainda ufana-se de ti pobre e prostrado?
Humano demasiado, assiste à própria desonra...
**AOS DEUSES A QUEM PROCLAMA,
ERGUE A ESPADA E DESCE O MACHADO!**

Lamento ignorado, prossegue-se a cerimônia.

VII-SUS

Dor implacável!
Junte-se a mim os fracos,
os que perderam a razão!
Anda! Levanta os braços! Caminha moirão!
Que sabe de ti, estúpido palhaço, incalculável fiasco,
rosna cachorro, com sofreguidão!
Vai-te! Come teu pão!
Que amanhã lhe falta...

E vê se não lhe engasga a emoção!

VIII-REVELAÇÕES

*...E eis que vejo-me inteiro.
Desprovido de carne.
Feridas entreabertas e o sussurrar das veias e artérias
Pulsando sangue.*

Toscos os corpos na luta,
pouco a pouco acham-se cansados.
Os aparelhos incinerados e dão por perdida a batalha:

“Por que os sons que ouvia ’inda agora,
chegam já tão tarde aos meus ouvidos debilitados?
Onde estão as fadas e os sinos,
que cercavam condenados?”

“Havia campos, havia mares,
de tão fulgurosa existência...
Que há agora que se compare,
senão desertos, demônios insulares?”

IX-A ALMA

Prisão de incontáveis desígnios,
a alma, encharcada de tédio,
sofre muito para chegar
num ponto qualquer.

Eqüidistante das estrelas.

X

Abrem-se os céus em desuso
Uma carruagem enferrujada de anjos
Longa linha que separa e une
Rasgões de sangue pele carne & ossos

XI

“Eis-me aqui reunido à turba,
dos que me olham com ares de enfado.
Sou forte, sou alto,
minha bandeira tremula em chamas
—e dessespere-me!”

—Preces contínuas ao inferno—

—Sangue de Cristo derramado—

“Viajante que passa!
És o sol!
Quero vê-lo engolfado em sombras,
o corpo coberto de manchas,
gritar meu nome!”

—“Descontinuidade!”—

Clama aos ares em fúria

—Sonsa pele que irá por toda parte—

—Paredes de aço amareladas—

Luta contra si mesmo... e sem alma...

“Uma bandeja de prata!
Ofereço-lhes o momento do meu enfastio.”

XII

(A cerimônia das luzes,
corpos em profusão ao som da
sinfonia dos ruídos indizíveis
—AO SOL.

Comunico-lhes o terror
—O PÂNICO

Deuses imaculados sobre a mesa

A muralha dos tempos perdidos...

Ergo a minha cabeça e assisto

A CARNIFICINA).

XIII

Longo caudal,
Pira funerária ou fúria —
Cresce.

INTERLÚDIO (1)
(DO AMOR)

I

É chegada a estação do desânimo.
Teria o amor,
essa barca vogante,
finalmente me aniquilado?

(Quilha tão fina corta o lago —
e estremece a superfície.)

II

Queria por fim todas as minhas dúvidas,
entregar-me de vez a essa infelicidade —
os corpos já lacerados,
as tristes histórias,
na loucura e no amor fatigados —
ou seria melhor sofrer
no peito as dores de um parto
não realizado?

(Ó deuses! Demência! Diabo!
Ainda que fosse possível aplacar sua ira —
a ela fosse-me dado
o menor sentimento de culpa!)

Se ao menos fossem felizes!
Que importância teriam para mim,
todos os sonhos e pesadelos do mundo?
Se fôssemos PEDRA,
quem tiraria de nossas costas
o LIMO?

E sustentar um peso impossível...

De todas as nossas fraquezas, a pior das piores.

III

Vê bem,
a primavera trouxe
os pássaros dardejantes
do Norte.
Envolta em soluços,
a deusa desnuda,
fria e carnal,
lúcida como o vento,
e de eternos abraços,
deu-me a palma da mão,
que beijei com hesitação.

—Ah, não tivesse sangue em minhas veias,
mataria tua sede, eterna traidora!
Louca, insolente!
Bebe tua água envenenada,
dá-me tua boca,
rogo-lhe,
leva logo daqui
esse pedaço de carne inútil!

—Ah, deusa grega,
miserável romana,
filha bastarda do Norte
Deixa-me!
Lavar minha carne
nesses teus lábios imundos!

IV-A MUSA

E de tão pequenina que era,
imperceptível mesmo,
e de olhos profundos,
estreitos,
e coberta de afagos,
veio até aqui e encarou-me.

Dei-lhe o nome de musa.

Acorrei, acorrei aos milhares!

...E lançaram-me olhares de ódio e ingratidão.

Deitaram-me numa cama devidamente preparada
para conter a minha loucura.

Ataram-me os pulsos e as pernas,
amordaçaram-me a boca e olhos
vendaram-me.

Fizeram correr incisões e ventosas
o meu corpo todo.

Por fim julgaram-me CULPADO,
o causador de todos os males,
que a doença propagara.

E fui condenado.

—Mas ainda eu respirava quando baixaram o caixão!

E o meu peito ainda batia

—mais forte!—

e um só pensamento meu infectou toda a terra,
quando finalmente me deixaram,
meu corpo em direção à sepultura.

Cuspiram-me o cadáver —o amor!

O amor estava sendo preparado

—deram-me o amor!

Aí então me tornei a doença que tanto temiam.

V-A LOUCA

A bela louca em seu vestido de sedas,
veio até mim com suas garras
e seu olhar de morcego
arrastando asas
por sob sua cabeleira loura e pálida,
a louca,
sorriu-me.

—Doze catedrais de aço em Paris verteram lágrimas—

A paixão rompeu os laços de misericórdia.

Rumores alados puseram-se em fuga.

VI-DEMÔNIOS

Há um demônio esperando por cada amanhecer,
se a noite não lhe foi pródiga &
há um demônio dentro de cada um de nós
a vir
à tona.

VII-SONETO
(O POSSESSO)

Na noite em que eu insone,
anjo, quanto mais doce, infernal,
a ti, quando invoquei teu nome,
e vi surgir, do tédio, que é abissal,

ó musa dos enfermos, a inspiração
que emprestas às almas condenadas,
o vinho do esquecimento, o alcatrão
de tuas saias perfumadas,

incendiaram-me de vez as narinas.
E demônios como aves de rapina,
o meu peito vieram assaltar.

E noite adentro fui levado,
presa desse amor fanado,
Belzebuth a te adorar!

VIII-EU FRAGMENTADO

EU,
Moribundo feto de vontades
incubadoras
De espírito indelével e falho
Amante das cousas não duradouras
Aos quatro elementos me espalho:

LÍNGUA LAMBE A NAVALHA
CARNE ROMPE OS TENDÕES
PEITO NÃO CABE NA MALHA
NEURÔNIOS DESATAM EMOÇÕES!

Rompimento craniano do acaso
Morbidez inveterada dos traços
Glorificação dos termos da loucura

Que à noite torna espuma
aliterada e fútil
cobre de terra, excessos, inútil

Galga os montes de escória
Roga dos deuses a memória
Come o esterco dos dias

Rouba de si mesmo o silêncio.

**BALADA PARA UM MORTO
(PARTE 2)**

I

Ainda preso à praia:

“Em que porto distante, nuvens, repousará
minha armada?”

Cruzam silentes os barcos insones em manobra
(na praia)

“Jus fará ao meu nome?”

As nuvens são nações de ódios

“Ah, venha tu, ó morte abençoada!”

(Faz calar a multidão dos cantores)

“A música das esferas!”

—Partem as nuvens em fuga

—Música que cai como chuva—

—Num país distante.

II

Acima da multidão,
—bandeiras festivas—,
um olhar de pedra ergue:

“Um sorriso ao pó despede!”

—vertigem, cor,
 —pássaros de chumbo,
 —pena,
 —leve...

—Rumor—

“Ah, em breve! Tudo é som”,
silencia...

—Neblina espessa que sobe os olhos e queima
as pupilas.

III

Templos de aço, trilhos sobre o pó.
Colinas de mármore lambidas pelo fogo d'um amarelado cinza.
“São tantas as almas em procissão!”
Uma espessa neblina.
Danças, sorrisos, enorme povo se aproxima:
“Ei-lo! O senhor morto! Eis que vacila!”
Estatuário tomba.
Pedacos de carne viva.

IV

Insônia consentida,
máquinas terríveis queimando
as barrigas dos dormentes na ponte.
Ilusão de ótica, rodopio de flechas,
a noite nebulosa.
Caminho a um passo assassino,
entre rochas,
de metais à flor-da-pele,
rosas.
Todas as coisas sensíveis ao toque.
Abro o olho de uma imagem apodrecida na memória.
Os pés sangram.
Noite infinita por onde ando.
E beijo estátuas.

V-DESCIDA

Luzes fugidias de aço cintilante,
punhais metálicos de frio,
melancólicos pontos cortando vastidões.
Tristes senhoras cingidas de véus,
nuvens,
lançando-me olhares,
atroz.

“Sombria sensação”.

Subida ao cadafalso.

A contemplar,
filão de cidades re-esquecidas,
pulsos ratificantes,
rasgões de seda no véu da nuvem-estrela cinza
mesclada de chuva
de noite vestida
O parapeito aberto de mármore
os braços apontando,
direção.

“O vento sente o cheiro da carne.
E o meu suspiro é beijar-te”.

“Sombria sensação”.

Descida.

VI-CANTO-DANÇA

Danças da carne, sangue.
Cruéis como são todos os amantes.
(Dar de comer ao fogo,
“Oh, decrepitude sonhada!”)

As noivas distantes.
Ouço chamá-las os homens.
(“A eternidade alcançada”)

Fúrias são os lamentos das jovens.
Gemidos tonitruantes.
(“Tudo é perdido,
o próprio instante.
A infinitude encarnada!”)

Erguem-se as cruzes.
“Imolação”.
Calma e volúpia.

Erguem-se brados como animais selvagens.

Luta, luta, luta

Adoração.

—Mar,
amplidão.
Noite perdida.
Ilusão.
Alvorada de sangue, rasgando.
Encardido silêncio.

VII

Lua majestosa ou sol estival.
De novo aos pés do bronze
és ridícula esmigalhada.
Ah, adorno dos deuses,
ó prantear das estrelas
a tingir de luz o firmamento!
Frágil desesquecimento,
na melhor das hipóteses,
cálida,
quem tremeria ao som
dos teus rugidos-tambores?

Pores do sol,
manadas de elefantes,
tísicos amantes,
róis da tua alma,
filha imprópria,
hora-errada,
sentimental ignara,
atéia-fogo por instantes.

Ver surgir a noite clara,
túrgida de sangue,
lua opala os teus pensamentos rudes —
quando a tua mão afaga,
onde os teus olhos se escondem?

VIII-ANAXIFORMINGES

Olhos de chumbo ou mel, beldades
sobre a terra
cantam as macieiras
que foram perdidas
na flor
da idade
soluços como água, vento
cortando as feridas
lanças de aço e PÓLVORA
—nenhum lamento.
Saem ao meu encalço
O cão e a hiena.
Pasma, plasmado, acena:
“Mas rompam-se os tendões!”
Morno cai no chão
(com gáudio e estardalhaço)
“Quando os ramos negros da noite
tocarem seus cabelos,
ANAXIFORMINGES!
Olhos fixos no firmamento;
são minhas lágrimas,
águas turvas que se juntam a nuvens pálidas
—num dia cinzento.”

A procissão corria bem,
graças ao acaso
dos lábios que roubaram
os frutos da cerejeira.

IX

*Aonde andarão os gigantes sibilantes d'outrora?
E os salteadores da orla-marinha?*

Admirável de se ver!
Visão miraculosa,
a cornucópia rediviva
seres de água, espantalhos
de palha dançando
em volta de olhares e ouvidos
balançando as nuvens
olhos vesgos sob o céu
de um azul límpido e puro
avança o sereno
homem encarcerado
“Custa-me o ardor da luta
Essas cicatrizes não pagam
O que me foi ofertado é pouco
O corno dos deuses dourado”

O corpo fundido em dois
Trespasado de luz
Gravitam em torno de si
Gigantes e nibelungos.

X

“Ah, o étéreo vento!
A borboleta petrificada de luz
em pleno movimento
a pender do galho!”

—O pólen reflorescido,
a copa das árvores,
noite que tudo escurece—

“Eleve-se pois das alturas!”

—Raio ou relâmpago,
risco de fogo,
limalha de céu oculto,
explodem as estrelas.

**BALADA PARA UM MORTO
(PARTE 3)**

I

Peles sujas de gelo
No meu camarim carmim
Dilatam-se pupilas

E peles apodrecidas.

II

“Cinza o céu, cinza eu, cinza
o espaço.
Abrem-se num abraço
o firmamento e as estrelas.
Deus!
Carniceiro e carrasco,
aqui em baixo,
sofrerei de todas as maneiras

O fio da tua espada.”

—Vem o vento e anuncia.
Pássaros tombam pesados.
O que era belo morria.
E ele anda:

“A perfeição engana.
Estás só!”

III-A QUEDA

Amante do vento,
a sua lembrança
o trouxe de volta:

“A morte, a guerra,
tudo foi em vão.
A primavera, a relva
florindo pelo chão.
A luz, o calor do sol ressequido,
as minhas mãos trêmulas
anseiam por —
TERRA.”

E então ressuscitado:

“Anda a pé o soldado!
Dos deuses ignorado,
a missão é cumprida:
Vida,
restituída a ilusão!
Novas canções serão ouvidas.”

IV-CANÇÃO DA TERRA

A árvore esconde debaixo de si
Os maiores tesouros

Todos os amores tornam à terra

Até a morte desde o nascedouro

Se esforçando o homem erra.

V-CANÇÃO DO SOL

Abro minha alma ao sol
Monstro florido e róseo
E eu pálido de amores.

VI

“Vento, ah, vento!”

—Sangue fresco sobre o chão.

VII-CANÇÃO DA CHUVA
(O Afogado)

Alimento divino, o infortúnio lamenta
Na vaga profunda, a insustentável tormenta
E naus à deriva o tem navegado
O oceano, mar de chuva, senhor e escravo
Tantas vezes ido e tornado
Furacão e sombra:

“A noite escureceu o abismo
Agora sinto em meu peito o gosto salgado
O mesmo amargo que há em minha língua,
Corrente ou força divina
Do horizonte me há arrastado.”

As fontes sobem os cimos mais altos
E depois desabam.

VIII-CANÇÃO DO NAUFRÁGIO

"Álcoois!",
sussurram em pranto os mortos
de sede e
fome
naufraga a nau —
estilhaços e rastros
de sangue
nos lençóis

(e zune
— dormita—
a mosca tapando um
buraco de sol
por onde trafegam mastros
de cores cintilantes e onde
marujos bêbados ainda
entoam canções.)

IX

“Readiness is all” – Hamlet, Ato V, Cena II

Arde um gosto acre ao respirar as narinas
de cavalo avantajado em fuga
A fumar —nuvens de areias escaldantes

(Retorcidas as últimas apedrejadas
primaveras intactas)

Toque ao celebrado momento o galope
que como um raio vem retirar-me
e lançar-me no imenso teu corpo vazio

(Uma lembrança há muito regateada
um abraço, forte como um coice —
em disparada):

“Habitado que estou a pisar em espinhos
não reconheço mais o odor das flores.”

X

Ferro brasadormecida
crostas e encostas enegrecidas
Eu!
pétrea-estupidificada
ensandecida
brutamolecida
rosa
"molusco".

XI-RARO

Pesada a fronte
Como por um raio
Iluminada a noite

RARO.

Ao pé do monte.

XII

À vista do cadafalso
pistas, sons, assim
e s p a c i a l i z a d o s —
Esse sangue coagulado
em minhas mãos
Um lago sem fim

Borbulhando.

XIII-O CAMPO DE BATALHA

Falsificada,
combalida e nua
(ou apenas como im-
pura poesia)
a verdade esmagada
ressurgirá do pó
em que foi lançada
—junto com o tempo—
e essas palavras
—insones.

INTERLÚDIO (2)

Querer ser outro
Cortar campos e comer trigo
recém-colhido
pela mão —

Ir ser infeliz em outro
Canto.

A magia?
A magia é estar vivo
para o mundo
Dizer para si mesmo e bem
alto:

Eu valho tanto,
que me acalmo
em ser eu mesmo.

Espero
Que mais espero?
Desespero que
a folha seca bata de novo
à porta de gelo.

E em linguagem clara

—aos olhos bárbaros
de cimitarra—

Faça falar

(Doce segredo).

*E o mar que nunca chega
à essa praia gelada?*

Não reconheço o sal
dessa água
Pária, nada é minha
morada
Tudo é só pó,
estrada
Que eu nunca
pisei.

Todas as ilhas distantes
Todas as caras pálidas

—E apesar de ensolarada
a alma—

Um porto fechado
Pronto para partir.

Nunca alcancei o outro lado.

Não,
Essa ânsia não será interrompida.

Nem essas cadeias de aço.

Procuro um palco,
Dê-me espaço,
eu lhe mostro os dentes.

Eu bebo essa água ardente.

Eu não meço o grau das palavras.
Eu não procuro o Graal.

Eu não peço escravas

Peço almas

Peço salvas

De palmas.

Você,
que organiza e
desorganiza minha vida
Você

C
A O
S,

Mulher,
dócil e agressiva,
que fiz eu para
te
des-
merecer?

6

"—Quem agora cem *rimas* não tiver,
Eu aposto, sim,
Estará perdido!"
(Nietzsche)

Aqui rolam-se
essas pedras
num passar de águas
claras.

Aqui pranto e
acalanto
se irmanam
em ribanceiras
rasas.

Para onde o refluxo
(quando acaba)
qual nascente
hino,
sagra.

7-QUADROS

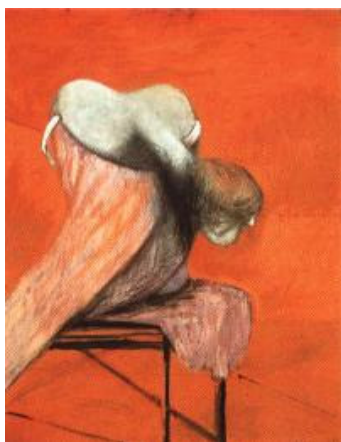
Tríptico de Bacon

I

O que esconde esse teu rosto
Que não podemos fitar?
O que procuras dissimular
exilada num córner qualquer triangular
e encurvada?
(Uma ressaca brava...)

Por que olhas esse ponto, por quê?
Porque pareces querer voar
—mas não podes—
anjo torto
e contorcido
a lembrar uma mulher

que amamos um minuto antes
de nos desesperar.



II

De olhos vendados
A Fúria
GRITA

Seu nome

Um passeio pelo paraíso ou
Inferno
de delícias.



III

Grita mais
Grotesco piano de cauda
Em carne e osso
A espatifar melodias
de som mudo pelo ar
Grita

de dor, alegria, remorso, culpa
ou gozo
ou apenas
Grita.



NÃO, POETAS
você não são Tirésias,
mas falsos
profetas
a embalar os homens
em seus versos mel-
odiosos

Não, você também
não são
pássaros—

Porém, cuidado!
A esses,
de vez em
quando,
le perforan
los ojos
para melhor ouvir seu
canto.

9-FÁBULA

No alto daquela montanha
à noite gris
no meio de
nenhum lugar
há pássaros
de pio lento
e raro
estofo negro &
pálido
matiz—
que voam longe
e só pousam
para descansar.

Entre prantos
—quantos?—
Panos sujos
—brancos—
—pântanos—
Passeia a alma.

Rara,
qualia,
—e adorada.
(Até quando?)

11-EM FRENTE AO MAR

Numa praia em frente ao mar
Um homem e uma mulher
Brincam de ser eles mesmos
A noite toda e o dia seguinte
Entre conchas, e bancos de areia e pedras e restos de ondas
Inutilmente

Só é verdadeiro o mar.
O homem, a mulher, e o promontório não existem.

12-VERÃO

Porque eu não posso esperar retornar
A esse verão ardente
E as palavras caem da minha boca
Como pétalas esmaecidas num jardim de inverno
(As palavras já caem velhas)
Nisso eu não creio, porém persigo
Os poetas só podem ser profetas de si mesmos e adivinhar
Seus próprios destinos.

BALADA PARA UM MORTO
(PARTE 4)

I

Agora vem à vela,
O peso lasso
Um passo em falso e
tomba
Levanta & voa
Como se fosse um pássaro
A rir à toa
Tudo de novo/vivo ou
morto
Ao amanhecer do
dia:

“Nada há de tão ralo
Que não permaneça
A todo lugar disparo
Sem que de mim me esqueça”.

II-REINAI NESSA CANÇÃO

“Tanto lido, tanto
Campo em que vagueio
Sem mar, sem norte, sem estei-
O meu canto de morte/ressur | rei-
ção, santos os devaneios
De um homem são | Ai | n-
da sem nome-entoa | Es | s-
a canção.”

III-DANÇA

Rosaespinho, rosalegre, rosa-defunto
Rosa, e ele dança
Cor, cheiro, unha, leve
Como uma cerveja *Weiss*

“O presente rudemente intervém
Agora nunca mais —evapora
E já —mais retorna

Outra fibra
(ou libra)
(ou *pint of beer*)
—Admirável!
A vida não foge —
Vibra.”

IV-BROKEN BALLAD

Uma balada como qualquer outra
Uma balada solta, louca
Costumeira e arredia
Que interfira nesses dias em que
 Chovescorre uma matéria mole
 Da janela que avista o dia

Broken-ballad

Uma balada alegre que brote
Desse peito enorme-inerme
E explode irradiante
Da beleza ajoelhe e açoite
Se provar for ela belaamarga dama
Sem razão de ser alguma
Uma balada como essa
Traga de novo a fonte
Que recomeço algum acaba e
(Traga) como poesia-água esfumaça e
Funda e corre e (solitária)
Soa.

V

Demônios, Blake
trombetas, o oceano-sono
passeia nessa
tarde insana
que
sonha o som
com sede exangue.

VI

Por que volver ao labirinto?
Por que essa água revoluta e
caliente
esses olhos que não dão mirada?
Por que preferir estar com os mortos
—Malcolm Lowry—
do que vivos?
Porque a vida, ensimesmada,
me fascina
como um porto
que já não alcanço
à hora da partida
sempre ida e volta
não resolvida
e canto
feito um louco
por amá-la assim
mais ainda
 além
aquém
outro
 alguém
outra vida.

O passado sempre é tão mais intenso
e pleno
e cheio de sentido!
O presente,
não duvido,
é olvido
e névoa:

Sólo es real la niebla.

O futuro é ação
que se projeta
e se enche novamente
de passado
VIVO
labirinto
o tempo:

Metafísica de um cão.

VII

Força hercúlea
Ou
Frágil-
Idade

"Tenho uma galáxia dentro de mim"

(Ri)

"Ritornare".

VIII

Vai balada, vai
Vê no cristal a fala, o teu fado
Canta!
O que te falta?
(Graça, riso, pranto?)
Vai!
Não foste?
Temes a carne?
Acaso não sabes?
Por mais afiada a faca
Não fere o covarde
Vai!
Ardeanda
Incendeia &
Dança
Alardeando versos tropeçando em chamas

Vai e fere
Feminina lâmina
Pluma temerosa em fender o espaço
em branco!
—Improvável como um canto é
O mar-anzól

Verão nenhum ou coisa inanimada
Ruminar as noites insensível ao tato
O vento-nordeste esfriar as costas
Estremecer o asfalto alinhar as caras
Laço ou ato, enfim, infindável.

IX

Agora rumor novo transborda em
Insensato corpo
Parto/barco desmorto
Despai desfilho cego enfim ou
louco.

X-POESIA ACIDENTAL

Essa poesia
Afunda
Os dedos na carne
E se entreabre.

**BALADA PARA UM MORTO
(EPÍLOGO)**

I

*A pólvora espalha o pó no campo de batalha
E eu só —pulha— à muralha,
Enamorado da hulha.*

II- A ALQUIMIA DO VERBO

A palavra pólvora a zumbir nos meus sentidos

Não a pólvora, mas a palavra
Não a palavra, mas o som
Ecoa
Com uma balada, com uma balada
Ave-voa e
Palra / Paira
No ar
Um imenso fedor
Uma nuvem de enxofre & belo
Negror:

O pó
da palavra.

III

Para além dos telhados
Bocas
Sôfregas
Barcas Brancas
Ao largo

Que o furacão/cólera res-
 Suscita:

“À boca calada a aurora
Os passos as cordas vibram
O meu semblante oculto
Em surdo monótono ritmo EX-
 CITA!”

Não há mais nada agora...

IV-A CANÇÃO DO NAVIO

Luzes no reboque
à praia
faroleiro louco
um signo superposto
 ao outro
gira, tonto
 cansado de tanto
girar

*Não importa os mares distante
o navio tem de singrar
não importa a distância
 a ânsia
de chegar
 a nenhum lugar*

V-CANÇÃO DO RIO

Como a um rio acorrentado
Forçado a ir em frente
Mas, sendo ele capaz, de
Com seu próprio pulso
Mudar o curso

VI- CANÇÃO DO INSTANTE-DISTANTE (Lírica)

Canto, pois não me contento, diante do espaço vazio, contemplar
O vento, a lua —milha que flutua— em ascendente posição
Sob a névoa amarela, poluída e bela, no céu-oceano
Trespassar o aero/plano, sem que os apanhe!

VII

Uma canção, talvez a última
Antes que o domo azul escureça

O poema findará em harmonia

—Disperso, o meu guia será
também o seu guia

Água que a noite esfria,
Mas não esfria o meu verso.

VIII-ELEGIA

O sol no topo dos edifícios
—Na parede de tijolos
Tremulando,
As sombras das árvores que brincam
Com o vento:

Outono.

Elegia, meu Deus, para quê, elegia?

IX-ENVOI

Canta a estrela mais baça	<i>No universo frio e profundo</i>
Um canto cheio de graça	<i>(Um murmurinho mudo)</i>
E na floresta mais densa	<i>O animal vil e imundo</i>
Canta também um poema	<i>De sangue, gemido, e uivo</i>
Assim como tal o poeta	<i>Um dia vagando sem meta</i>
Embora estranho pareça	<i>—Antes de apodrecer—</i>
Ergueu a sua cabeça	<i>A plenos pulmões gritou</i>
Para si mesmo esquecer	<i>Seus versos de ódioeamor.</i>

Fim de Balada para um Morto e Outros poemas.